



CONEPA
CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES
E PROFISSIONAIS DE ADMINISTRAÇÃO

14ª Edição 2025 | 23, 24 e 25 de outubro
Salvador, Bahia (Região Nordeste)

**A INFLUÊNCIA DOS VIESES DE EXCESSO DE CONFIANÇA
E AVERSÃO À PERDA NA RELAÇÃO ENTRE
ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E BEM-ESTAR
FINANCEIRO: UM ENSAIO TEÓRICO**

Edilza Gomes da Silva
Mestranda em Administração
Universidade Federal da Paraíba
<https://orcid.org/0009-0001-8307-1095>
gomesbgi@hotmail.com

ISSN: 2764-7226

14ª Edição 2025 | 23, 24 e 25 de outubro
Salvador, Bahia (Região Nordeste)

Resumo

No Brasil, mais de 70% da população não possui reservas financeiras para lidar com imprevistos, segundo levantamento do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil, 2023). Esse dado alarmante reforça a importância da alfabetização financeira, bem-estar financeiro e levanta uma questão central: por que, mesmo com informações financeiramente relevantes cada vez mais disponíveis, muitas pessoas continuam tomando decisões financeiras inadequadas? Este ensaio teórico discute a relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, propondo que os vieses cognitivos de excesso de confiança e aversão à perda desempenham um papel mediador relevante nessa dinâmica. Embora a alfabetização financeira seja reconhecida como um fator determinante para decisões mais informadas, a literatura mostra que o conhecimento por si só não garante comportamentos racionais. Assim, a contribuição deste ensaio é propor um modelo conceitual que integra alfabetização financeira, bem-estar financeiro e vieses cognitivos, destacando a importância de considerar aspectos psicológicos e comportamentais na tomada de decisão financeira. O texto apresenta uma revisão da literatura, contrapontos teóricos, a justificativa da escolha dos vieses analisados bem como uma agenda para futuras pesquisas empíricas.

Palavras-chave: Alfabetização financeira. Bem-estar financeiro. Vieses cognitivos. Excesso de confiança. Aversão à perda.

Abstract

In Brazil, more than 70% of the population has no financial reserves to deal with unexpected expenses, according to data from the Credit Protection Service (SPC Brasil, 2023). This alarming figure reinforces the importance of financial literacy and financial well-being and raises a central question: why do many people, even with increasingly accessible and relevant financial information, continue to make inadequate financial decisions? This theoretical essay discusses the relationship between financial literacy and financial well-being, proposing that the cognitive biases of overconfidence and loss aversion play a relevant mediating role in this dynamic. Although financial literacy is recognized as a key factor for more informed decisions, the literature shows that knowledge alone does not guarantee rational behavior. Thus, the contribution of this essay is to propose a conceptual model that integrates financial literacy, financial well-being, and cognitive biases, highlighting the importance of considering psychological and behavioral aspects in financial decision-making. The text presents a literature review, theoretical counterpoints, the justification for the choice of the analyzed biases, as well as an agenda for future empirical research.

Keywords: Financial literacy. Financial well-being. Cognitive biases. Overconfidence. Loss aversion.

1. INTRODUÇÃO

A crescente complexidade do ambiente financeiro contemporâneo exige dos indivíduos não apenas conhecimento técnico, mas também habilidades comportamentais para lidar com decisões que afetam sua vida econômica e emocional. A alfabetização financeira tem sido amplamente apontada como determinante do bem-estar financeiro (Lusardi e Mitchell, 2014), mas evidências mostram que mesmo indivíduos com alto nível de conhecimento podem cometer erros previsíveis, influenciados por vieses cognitivos (Kahneman, 2012).

O problema teórico que orienta este ensaio reside justamente nessa lacuna: como explicar que indivíduos alfabetizados financeiramente ainda apresentam comportamentos financeiros inconsistentes com seu próprio conhecimento? Estudos anteriores, como o de (Silva, 2022), já reforçaram a importância desses vieses, evidenciando o impacto direto do excesso de confiança e da aversão à perda sobre o bem-estar financeiro. Paralelamente, essa literatura aponta a mediação desses vieses como uma lacuna a ser explorada em estudo futuro. Assim, parte-se da premissa de que tais vieses atuam como mediadores entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro.

Nesse sentido, o presente ensaio propõe que a relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, mediada pelos vieses de excesso de confiança e aversão à perda, seja compreendida em sua condição dialética, isto é, como um processo dinâmico e contraditório, onde o aumento do conhecimento técnico pode paradoxalmente intensificar os vieses que deveria mitigar.

Diante desse contexto, o objetivo geral deste ensaio é desenvolver uma discussão conceitual sobre a mediação dos vieses cognitivos na relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro. Para tanto, os objetivos específicos são: (i) revisar a literatura sobre alfabetização financeira, bem-estar financeiro e vieses comportamentais; (ii) discutir criticamente os vieses de excesso de confiança e aversão à perda, justificando sua escolha; (iii) propor um modelo teórico de mediação; e (iv) sugerir caminhos metodológicos para pesquisas futuras.

A justificativa para este estudo reside em sua relevância prática, pela necessidade de aprimorar programas de educação financeira incorporando aspectos psicológicos, e em sua relevância teórica, ao propor uma integração conceitual pouco explorada na literatura de finanças comportamentais. A figura 1 a seguir apresenta o modelo conceitual deste trabalho.

Figura 1 – Modelo conceitual da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Considerando que o comportamento financeiro humano não é estritamente racional, o modelo insere duas variáveis mediadoras: o excesso de confiança e a aversão à perda — dois vieses cognitivos amplamente documentados na literatura de finanças comportamentais. Essas variáveis são tratadas como mecanismos psicológicos de mediação, capazes de potencializar ou distorcer o efeito da alfabetização financeira sobre o bem-estar. Nesse contexto, destaca-se a importância da alfabetização financeira como uma das principais variáveis preditoras da qualidade das decisões econômicas e do equilíbrio financeiro individual, a qual será abordada no tópico 2.1.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste ensaio apoia-se em três pilares complementares: alfabetização financeira, entendida como competência prática de uso do conhecimento econômico no cotidiano; bem-estar financeiro, concebido como percepção de segurança e autonomia diante das finanças; e vieses cognitivos (excesso de confiança e aversão à perda), reconhecidos como desvios sistemáticos da racionalidade que afastam o indivíduo de decisões ótimas.

Ao integrar esses referenciais, busca-se compreender o comportamento financeiro como resultado da interação entre conhecimento, percepção e cognição, superando abordagens estritamente econômicas. Embora estudos nacionais, como os de Oliveira e Souza (2020), confirmem a relação positiva entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, eles o fazem sem incorporar os vieses comportamentais como fatores intervenientes. Em contrapartida, pesquisas internacionais, a exemplo de Kim et al. (2021), já indicam um caminho promissor ao testarem modelos com mediação parcial por fatores emocionais, validando a necessidade de incluir a dimensão psicológica na equação.

É justamente na articulação e aprofundamento desta lacuna que se insere este ensaio: ao integrar a Economia Comportamental (vieses) ao modelo tradicional (Alfabetização financeira → Bem-

estar financeiro), propondo um novo olhar teórico. A seguir, cada pilar é discutido em maior profundidade.

2.1 Alfabetização Financeira

A alfabetização financeira pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, comportamentos e atitudes que permitem aos indivíduos tomar decisões financeiras conscientes (Huston, 2010). A OCDE (2024 e 2023) reforça essa concepção, apontando que a alfabetização envolve tanto competência cognitiva quanto comportamental.

Embora programas de educação financeira tenham proliferado globalmente, sua efetividade ainda é questionada. Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) mostraram que o impacto da alfabetização financeira em comportamentos de longo prazo é limitado, o que sugere a presença de outros fatores, como vieses cognitivos, interferindo na relação.

Neste cenário, o relatório da OCDE (2018) define que, para alcançar o bem-estar financeiro é necessário tomar decisões sólidas com base em uma combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos financeiros.

Para Huston (2010) e Remund (2010), a alfabetização financeira se configura não apenas pelo domínio de conceitos financeiros, mas fundamentalmente pela aptidão em aplicar esse conhecimento em situações reais. Essa capacidade de traduzir o saber em ação eficaz é o que verdadeiramente define um indivíduo alfabetizado financeiramente. Uma sólida alfabetização financeira pode, em teoria, mitigar a influência de vieses comportamentais, permitindo decisões mais informadas e, consequentemente, contribuindo para um maior bem-estar financeiro.

Nesse sentido, Lusardi e Mitchell (2014) e Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) evidenciam que a alfabetização financeira possui impacto positivo sobre a estabilidade financeira dos indivíduos, promovendo maior capacidade de poupança, investimento, planejamento de longo prazo e aponta, ainda, que o conhecimento financeiro, isoladamente, pode não ser suficiente para garantir decisões plenamente racionais dadas a interferência de fatores emocionais e heurísticos.

Didaticamente, a alfabetização financeira representa o alicerce sobre o qual se estruturam comportamentos financeiros mais adequados. Ela compreende o domínio de conhecimentos fundamentais acerca do funcionamento do dinheiro, incluindo conceitos básicos de finanças pessoais, avaliação de riscos e benefícios associados a produtos financeiros como empréstimos e poupanças, bem como a capacidade de interpretar informações financeiras elementares (OCDE, 2013; Lusardi; Mitchell, 2014). Dessa forma, a literatura evoluiu para estudar o bem-estar financeiro, que engloba a percepção subjetiva e a segurança futura do indivíduo, representando o patamar mais elevado e desejado da saúde financeira.

2.2 Bem-Estar Financeiro

O bem-estar financeiro é um construto multidimensional, incluindo tanto indicadores objetivos (renda, ativos, dívidas) quanto subjetivos (satisfação, segurança, ausência de estresse (Netemeyer *et al.*, 2018). Xiao e O'Neill (2016) destacam que não basta medir condições econômicas: é preciso avaliar como os indivíduos percebem sua situação financeira.

Estudos recentes (Brüggen *et al.*, 2017; OECD, 2020) apontam que a alfabetização financeira tem efeito positivo sobre o bem-estar, mas a relação não é linear nem garantida, indicando a presença de mediadores pessoais (Brüggen *et al.* 2017; Kahneman, 2012).

Estudo como o de Kebede (2015), em revisão da literatura sobre educação financeira e gestão de finanças pessoais, identificou que a educação financeira está correlacionada com variáveis sociodemográficas como gênero, idade, escolaridade e renda. Arianti (2018), por sua vez, demonstrou que a educação financeira não afeta diretamente as decisões de investimento, mas que o comportamento financeiro e a renda possuem efeitos significativos.

Para fins ilustrativos, essa distinção entre dimensões objetivas e subjetivas do bem-estar financeiro, considere dois indivíduos com renda mensal semelhante de R\$ 5.000,00. O primeiro possui dívidas controladas, reserva de emergência e demonstra tranquilidade ao planejar gastos futuros, sentindo-se seguro quanto à sua estabilidade financeira. O segundo, apesar de possuir a mesma renda e nenhum endividamento expressivo, relata constante preocupação com imprevistos, evita olhar extratos bancários e sente ansiedade ao pensar no futuro. Objetivamente, ambos possuem condições econômicas similares; no entanto, apenas o primeiro pode ser considerado financeiramente bem, segundo a concepção multidimensional do bem-estar. Assim, a percepção individual de controle e segurança revela-se tão relevante quanto os indicadores econômicos formais (Brüggen *et al.*, 2017; Xiao e O'Neill, 2016).

Esse exemplo evidencia que o bem-estar financeiro não pode ser analisado exclusivamente a partir de variáveis econômicas objetivas, exigindo a consideração de percepções individuais e fatores psicológicos. Nesse sentido, buscar compreender como esses elementos — alfabetização financeira, comportamento financeiro e vieses cognitivos — contribuem para aumentar ou reduzir essa percepção de bem-estar, o que será discutido na seção seguinte.

2.3 Vieses Cognitivos

Vieses cognitivos são padrões sistemáticos de desvio da racionalidade no pensamento e na tomada de decisões humanas, que influenciam escolhas com base em informações incompletas ou atalhos mentais (heurísticas). O marco conceitual dessa área é a Teoria do Prospecto (Kahneman e Tversky, 1979), que revelou que os indivíduos não decidem apenas com base em lógica econômica (racionalidade irrestrita), mas sob a forte influência de desvios sistemáticos. No contexto financeiro, esses vieses explicam a lacuna entre o conhecimento e a ação, pois levam a escolhas que, na prática, afastam o indivíduo do bem-estar. Entre os mais estudados e relevantes para esta análise, destacam-se o excesso de confiança e a aversão à perda. A manifestação desses vieses, por sua vez, afeta diretamente o bem-estar financeiro.

Excesso de confiança

Caracteriza-se pela superestimação de habilidades ou informações, levando a maior propensão ao risco e negociações excessivas (Barber e Odean, 2001). Pesquisas recentes (Lim, 2021) confirmam que esse viés compromete o bem-estar financeiro, pois pode gerar endividamento e perdas patrimoniais. Também pode se manifesta na falta de diversificação dos investimentos. Um indivíduo que obteve bons resultados ao investir em um único tipo de ativo, por exemplo,

ações de uma empresa específica ou criptomoedas — pode superestimar sua capacidade de prever o comportamento do mercado e concentrar todo o seu capital nesse mesmo tipo de aplicação. Essa autoconfiança excessiva o leva a ignorar princípios básicos de gestão de risco e a desconsiderar variáveis macroeconômicas, acreditando que seus resultados passados garantem retornos futuros. No entanto, quando ocorre uma oscilação negativa do mercado, as perdas tendem a ser significativamente maiores do que em uma carteira diversificada. Esse comportamento evidencia como o excesso de confiança reduz a percepção de risco e compromete o equilíbrio financeiro de longo prazo, confirmando a necessidade de estratégias de diversificação para mitigar prejuízos potenciais (OCDE 2024; Barber e Odean 2001; Li, 2021).

Aversão à perda

Refere-se à tendência dos indivíduos de atribuírem um peso psicológico maior às perdas do que a ganhos de mesma magnitude, isto é, a dor de perder algo é percebida como mais intensa do que o prazer de ganhar o equivalente e pode levar a decisões financeiras excessivamente conservadoras, como a manutenção de ativos de baixo retorno ou a resistência a ajustes em uma carteira de investimentos (Kahneman e Tversky, 1979).

No contexto do consumo cotidiano, por exemplo, a aversão à perda se manifesta quando o indivíduo prefere continuar pagando por um serviço de assinatura que quase não utiliza — como academia, plataformas de streaming ou revistas digitais — apenas para não sentir que está “abrindo mão” de algo que já faz parte de sua rotina. Essa resistência à perda simbólica e financeira, ainda que pequena, pode comprometer o equilíbrio do orçamento mensal e perpetuar hábitos de consumo ineficientes (Thaler, 2016; Lim, 2021).

Assim, conforme esses autores, este viés decorre de processos cognitivos e emocionais que levam o indivíduo a evitar situações de risco ou mudança, mesmo quando racionalmente vantajosas. O que justifica a relevância de compreendê-los, pois ambos estão diretamente ligados à percepção de risco e ao processo de tomada de decisão, impactando negativamente a relação entre alfabetização e bem-estar.

2.4 Contrapontos Teóricos

Embora a Teoria do Prospecto seja dominante, outras abordagens oferecem nuances. Simon (1955) introduziu a ideia de racionalidade limitada, destacando restrições cognitivas. Gigerenzer (2020) argumenta que heurísticas podem ser adaptativas em certos contextos. Thaler e Sunstein (2008) propuseram os, sugerindo que políticas de arquitetura de escolha podem mitigar vieses. Esses contrapontos ampliam o debate e indicam que a alfabetização financeira, sozinha, pode não eliminar vieses, mas que o desenho institucional pode auxiliar no manejo deles.

A complexidade intrínseca dessa relação entre alfabetização, vieses e bem-estar exige, portanto, uma abordagem que permita a síntese crítica e a proposição de um novo modelo conceitual, visto que a literatura atual apresenta os construtos de forma fragmentada. Para avançar na compreensão dessa dinâmica e propor um caminho para futuras validações empíricas, este estudo adota uma abordagem específica, detalhada na seção a seguir.

3. METODOLOGIA

A escolha pelo formato de ensaio teórico é deliberada. Conforme Meneghetti (2011), o ensaio caracteriza-se pela reflexão crítica e interpretativa, pela busca de originalidade na argumentação e pela integração de diferentes perspectivas teóricas. Diferente de artigos empíricos, que se apoiam em dados primários, o ensaio se fortalece ao propor novas formas de compreender um fenômeno.

A construção deste ensaio foi realizada por meio de uma análise conceitual, que buscou integrar três campos de literatura (alfabetização financeira, bem-estar financeiro e vieses cognitivos) que ainda não dialogam plenamente. O processo envolveu uma síntese crítica das fontes para propor um modelo conceitual original, que poderá ser testado em pesquisas empíricas futuras. Este método atende ao papel do ensaio como instrumento de avanço teórico, ao mesmo tempo crítico e inovador, sem se restringir ao formalismo metodológico dos estudos empíricos.

Ademais, este ensaio contempla a concepção de objeto e fenômeno destacada por Meneghetti (2011) e Bense (1968). O objeto de análise — a relação entre alfabetização financeira, bem-estar e vieses — é real e se manifesta como fenômeno observável na prática social. O texto procura compreender não apenas a aparência desse fenômeno (alfabetização associada a bem-estar), mas também sua essência (a mediação dos vieses), analisando-o a partir de diferentes epistemologias (racionalidade limitada, heurísticas adaptativas, teoria do prospecto e *nudges*), em consonância com a natureza crítica e interdisciplinar do gênero ensaístico.

4. DISCUSSÃO TEÓRICA E PROPOSIÇÕES

A presente discussão teórica analisa a influência dos vieses de excesso de confiança e aversão à perda na relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro. A partir da revisão de literatura, postula-se que a alfabetização financeira, embora seja um fator positivo, pode ter seu efeito no bem-estar financeiro mediado por vieses comportamentais. Com base nessa análise, propõe-se um modelo conceitual em que a alfabetização financeira impacta o bem-estar financeiro de forma direta e indireta.

Alfabetização Financeira e Vieses: O Paradoxo Comportamental

O ensaio defende que a relação entre alfabetização e vieses é complexa e, por vezes, paradoxal. Um indivíduo com alta alfabetização financeira pode, por um lado, ter as ferramentas para tomar decisões racionais, mas, por outro, manifestar maior excesso de confiança. O conhecimento aprofundado pode levá-lo a superestimar sua capacidade de prever o mercado ou de escolher o ativo certo, ignorando a possibilidade de erros.

De forma similar, o conhecimento sobre a volatilidade e os riscos do mercado pode exacerbar a aversão à perda. Esse indivíduo, consciente das possíveis perdas, pode adotar um comportamento excessivamente cauteloso, resultando em perdas de oportunidade e decisões subótimas. Este paradoxo revela que a alfabetização não é uma vacina contra a irracionalidade, mas sim uma condição que é filtrada e pode ser distorcida pelos vieses comportamentais.

Vieses, Mediação e o Bem-Estar Financeiro

Excesso de Confiança: Este viés pode levar a decisões de investimento arriscadas, como a falta de diversificação, resultando em perdas financeiras que comprometem a segurança e a percepção de controle do indivíduo.

Aversão à Perda: Este viés resulta em decisões subótimas, como a relutância em vender ativos em queda ou a preferência por investimentos de baixo risco que não geram o retorno necessário para atingir objetivos de longo prazo. Essas decisões comprometem a dimensão objetiva e aumentam a preocupação subjetiva, reduzindo o bem-estar.

O mecanismo fundamental de **mediação** ocorre porque o conhecimento financeiro de um indivíduo é filtrado por seus vieses cognitivos (excesso de confiança e aversão à perda) antes de se traduzir em comportamentos que, por fim, impactam seu bem-estar financeiro. Portanto, o efeito da alfabetização financeira no bem-estar financeiro não é totalmente direto, mas também indireto.

A partir deste modelo, derivam-se as seguintes proposições teóricas para futuras investigações empíricas:

Proposição Teórica 1 (P1): O viés de excesso de confiança atua como mediador negativo da relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, capturando o efeito indireto em que a superestimação das habilidades leva a decisões de risco que comprometem a segurança financeira.

Proposição Teórica 2 (P2): A aversão à perda atua como mediadora negativa da relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, pois o foco psicológico maior nas perdas do que nos ganhos leva a decisões subótimas que impedem o alcance de objetivos de longo prazo.

Proposição Teórica 3 (P3): A alfabetização financeira possui um efeito moderador sobre a influência prejudicial dos vieses de excesso de confiança e aversão à perda no bem-estar financeiro, ao fornecer maior capacidade de interpretação, autocontrole e reavaliação das decisões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico contribui para o preenchimento de uma lacuna na literatura ao integrar campos do conhecimento que, em geral, são tratados de forma fragmentada: alfabetização financeira, bem-estar financeiro e vieses cognitivos. A principal contribuição teórica reside na proposição de um modelo conceitual que articula essas três dimensões, sugerindo que o efeito da alfabetização financeira sobre o bem-estar não é apenas direto, mas mediado por vieses comportamentais como o excesso de confiança e a aversão à perda.

Do ponto de vista prático, as reflexões aqui apresentadas sugerem que os programas de educação financeira devem ir além da transmissão de conhecimento técnico. É fundamental

incorporar módulos de finanças comportamentais que auxiliem os indivíduos a identificar e mitigar a influência de seus próprios vieses. Caso contrário, o conhecimento pode, paradoxalmente, se tornar um catalisador para decisões financeiras subótimas.

Este estudo, no entanto, possui limitações inerentes à sua natureza de ensaio teórico. O modelo conceitual proposto e suas proposições teóricas carecem de validação empírica, que é um passo necessário para confirmar as relações aqui discutidas.

Como sugestão para uma agenda de futuras pesquisas, recomenda-se a realização de estudos empíricos, tanto quantitativos (survey com modelagem de equações estruturais) quanto qualitativos (estudos de caso ou experimentos), para testar o modelo proposto. Além disso, futuras investigações poderiam explorar o papel de outros vieses cognitivos (como o viés de ancoragem ou o efeito manada) ou de variáveis moderadoras (como traços de personalidade, cultura ou fatores demográficos) na relação entre alfabetização e bem-estar financeiro.

6. REFERÊNCIAS

ARIANTI, B. F. The influence of financial literacy, financial behavior and income on investment decisions. *Jurnal Ekonomi dan Bisnis*, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 1–10, 2021.

BARBER, B. M.; ODEAN, T. The Internet and the Investor. *Journal of Economic Perspectives*, v. 15, n. 1, p. 41-54, 2001.

CNDL; SPC BRASIL. Educação financeira no Brasil: pesquisa nacional de perfil e comportamento. 2023. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br>.

FERNANDES, D.; LYNCH JR., J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. *Management Science*, v. 60, n. 8, p. 1878-1892, 2014.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning in the United States. *Journal of pension economics & finance*, v. 10, n. 4, p. 509-525, 2011.

THALER, R. H.; SUNSTEIN, C. R. *Nudge: Improving Decisions About Health, Wealth, and Happiness*. New Haven: Yale University Press, 2008.

Bense, Max. (1968) Pequena Estética. São Paulo: perspectiva [debates], 2003.

THALER, R. H. Behavioral Economics: Past, Present, and Future. *American Economic Review*, v. 106, n. 7, p. 1577–1600, jul. 2016.

LIM, S. S. Financial literacy, overconfidence, and financial well-being. *Journal of Behavioral Finance*, v. 22, n. 4, p. 456-472, 2021.

14ª Edição 2025 | 23, 24 e 25 de outubro
Salvador, Bahia (Região Nordeste)

GIGERENZER, G. *Adaptive Thinking: Rationality in the Real World*. Oxford: **Oxford University Press**, 2020.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: The case for a clearer definition in an increasingly complex economy.⁹ **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276–295, 2010.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório da OCDE avalia letramento financeiro entre adolescentes. *Aprender Valor*, 2024. Disponível em: <https://aprendervalor.bcb.gov.br/site/aprendervalor/NoticiaAprenderValor/100/noticia>.

SILVA, N. E. F. Alfabetização financeira, inclusão financeira e vieses cognitivos comportamentais: análise da influência sobre o bem-estar financeiro individual. 2022. Tese (Doutorado) — **Universidade Federal da Paraíba**.

SIMON, H. A. A behavioral model of rational choice.¹⁰ **Quarterly Journal of Economics**, v. 69, n. 1, p. 99–118, 1956.

HUSTON, S. J. Measuring financial literacy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296–316, 2010.

KAHNEMAN, Daniel. Rápido e Devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: **Objetiva**, 2012.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect theory: an analysis of decision under risk. *Econometrica*, v. 47, n. 2, p. 263–291, 1979, **ABI/INFORM Global**.

KEBEDE, H. Financial literacy and personal finance management in Ethiopia: Evidence from university students. **International Journal of Business and Social Science**, v. 6, n. 5, p. 173–181, 2015.

KIM, T. Y.; KIM, Y. J.; LEE, S. Y. (2021). The effects of financial literacy and cognitive biases on financial well-being: The mediating roles of perceived financial vulnerability and financial stress. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 18, n. 15, p. 7854, 2021.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, p. 320–332, 2011.

NETEMEYER, R. G.; WARMATH, D.; XIE, J.; et al. Development and validation of the financial well-being scale. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 45, n. 1, p. 68–89, 2018.

OCDE. OECD/INFE 2023 International Survey of Adult Financial Literacy. (OECD Business and Finance Policy Papers, n. 39). Paris: OECD Publishing, 2023. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2023/12/oecd-infe-2023-international-survey-of-adult-financial-literacy_8ce94e2c/56003a32-en.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.



CONEPA
CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES
E PROFISSIONAIS DE ADMINISTRAÇÃO

14ª Edição 2025 | 23, 24 e 25 de outubro
Salvador, Bahia (Região Nordeste)

OCDE. PISA 2022 Results (Volume IV): Gaps in Students' Financial Literacy. Paris: OECD Publishing, 2024. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/pisa-2022-results-volume-iv-gaps-in-students-financial-literacy-212d26f7-en.htm>. Acesso em: 10 out. 2025.

OLIVEIRA, H. V.; SOUZA, F. S. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 15-24, 2020.